

VIDA ACADÊMICA

A REINSTALAÇÃO DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

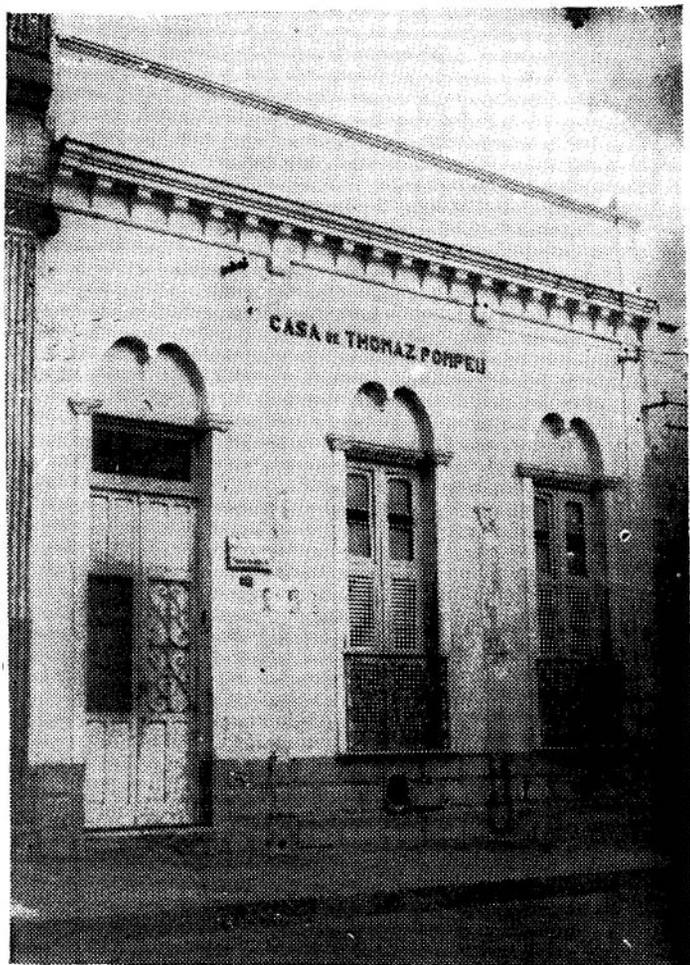
(Discurso do Dr. Tomás Pompeu de Sousa Brasil, Presidente efetivo, na sessão solene de 8-9-1922)

A Academia Cearense de Letras, fundada a 15 de agosto de 1894, se não teve dias gloriosos, à semelhança das doudas e ilustres associações congêneres do País, se o brilho de seus trabalhos não rutilou além, projetando luz penetrante nos arcanos da ciência ou nos recessos da psicose indígena sob a forma de análises shakespearianas ou balzaquianas, congregou, não obstante, repetidas vêzes os seus membros em tórno de operosas cerebrações, singulares umas no conceito original de suas produções, qual a de Farias Brito, que ilustrou as letras brasileiras com a mais profunda e sutil análise do espírito humano, outras sistemáticas, lógicas, investigadoras na faina das reconstruções científicas ou das descrições fisiográficas do solo natal e das suas tradições longínquas, apuradas ao crisol da crítica histórica.

Se as suas sessões não foram tão freqüentes como era de desejar, manteve o que H. Spencer chama a alma do super-organismo social — o pensamento ativo e produtor — em uma Revista que se dilatou por anos, sempre curiosa na escolha do assunto, sempre copiosa de informações úteis de coisas cearenses.

Infelizmente, a atividade intelectual nem sempre basta para se integrar nas reuniões estreitas e limitadas de cenáculos íntimos, precisa expandir-se, projetar em derredor e ao longe as sementes da sua cultura, para que se não percam, em olvido criminoso, os seus efeitos benéficos.

Um facêto escritor francês — o marquês de Fontenele, secretário perpétuo da Academia Francesa, disse com mais



CASA DE TOMÁS POMPEU
Séde provisória da Academia Cearense de Letras

graça do que sinceridade, que se possuísse tôdas as verdades as apertaria bem nas mãos, para que não escapassem algumas em proveito de estranhos.

Não é por certo êste o *desideratum* e o conceito que fazemos do labor penetrante e cansativo, extenuante e exaustivo no descobrimento de novos horizontes, nas soluções demoradamente procuradas e alfim entrevistas, de subsídios e utilidades para o bem-estar individual e coletivo.

A ciência não é e não pode ser egoísta — Os verdadeiros sábios, como Pasteur, recusam milhões de francos por não entregarem a especulações mercantis, o fruto de suas humanitárias investigações e descobrimentos.

Para ela o véu que oculta a deusa cartaginesa, que veda aos mortais tocar no santuário de Tanit, não lhe é defeso, em vez do mistério, das predições oraculares, do sombrio silêncio com que as naves dos templos pagãos envolviam os conhecimentos herméticos da antiguidade; em vez do privilégio que rouba aos olhares ávidos de luz os arrebóis de uma revelação científica, de uma pérola oculta nas entranhas da natureza pensante, a ciência moderna — quer divulgação, prefere o ambiente vasto, infinito, da inteligência humana para se dilatar e se difundir.

Eis por que sem a publicidade, ela periclita, esmorece e se extingue a debater-se solitária e impotente no fundo das retortas entre as paredes dos laboratórios.

A nossa primeira preocupação, digo da Academia Cearense, foi oferecer ao público os frutos de sua cultura com a publicação da Revista, cujo primeiro número veio à luz em janeiro de 1896, graças ao patrocínio dos poderes públicos de então. E enquanto a mão generosa dos governos cearenses ampararam-na, isto é, subsidiaram-na, ela se manteve vívida e prolífica, proporcionando aos nossos homens de letras fácil oportunidade de colaborarem na obra literária patricia.

Mas um vento de inovações, uma onda subvertedora da quietação política reinante ergueu-se impetuosa, quase imprevisita, e às aspirações de melhora, dêsse desconhecido que o incontentamento atávico de nossa raça põe no futuro, sucederam as decepções, as amarguras da realidade, as desilusões das almas sinceras, o gotejar de fel dos que criam na volta de Astréia ou do reinado de Saturno.

A Academia Cearense não podia deixar de sofrer a repercussão do advento *soi disant* popular — A democracia triunfante não esquecia que a nossa associação era um escol, uma seleção de aristocratas do pensamento, de estetas, que na

contemplação do belo e da verdade, jamais se mesclariam à turba multa de ignaros; e, de pronto, a mão que a amparava recolheu-se e lhe recusou o óbolo que auxiliava aquela publicação.

Ninguém ignora a situação precária da indústria de livros, entre nós. As publicações científicas que se afastam da trivialidade comum não logram o favor público, talvez porque seja ainda minguido o número dos leitores especialistas, que buscam nelas novas fontes de informações.

A Revista da Academia, que nunca desceu do nível literário que se impôs e estampou trabalhos de valor, porventura superiores, na sua generalidade, aos das congêneres atuais, foi uma informação significativa e solene da aplicação mental e esforçada de seus colaboradores, uma prova evidente, irrefragável de que aqui, neste esquecido Ceará, houve quem investigasse os problemas árduos do saber, com a lucidez e clarividência de verdadeiros pensadores.

A onda popular de 1913 varreu essas excrescências aristocráticas. E nem lhe cumpria fazer outra coisa. Quando, em 1794, a Convenção Francesa dominava pelo terror, foi um de seus primeiros atos suprimir a Academia Francesa (criada pelo grande ministro de Luís XIII) sob o pretexto nivelador de mandar as papoulas que se alteassem acima da vegetação popular.

Ao povo ignaro repugnam as superioridades naturais ou artificiais, e pôsto não tivesse a natureza produzido duas coisas precisamente iguais, o lema revolucionário, dogma da Democracia, é que os homens se submetem a uma craveira universal, sob pena de serem excluídos do convívio social os que a ultrapassarem.

Contemplamos nos dias que correm, o espetáculo dessa singular doutrina no bolchevismo russo. Tudo nivelado, tudo reduzido à rasteirice vulgar do personalismo egoístico. A vontade humana caprichosa e inconstante, ditando leis, sotopondo-se às tradições e aos costumes arraigados no coração da raça.

E isto, senhores, para entronizar a vulgaridade, os lugares comuns dessa massa amorfa, chamada povo, a quem os políticos e ambiciosos cortejam, na falta dos soberanos coroados, dos Césares, Luís XIV ou Napoleão, que lhes dispensavam honras e dignidades.

O *omnia serviliter prodominatone*, que Tácito exprobrava aos cortesãos de Tibério, melhor se aplicaria àqueles que sacrificam a legítima altivez de caráter, abdicam suscetibilida-

des de amor próprio por se rebaixarem às camadas inferiores sociais, das quais esperam os favores que a derrocada realeza já lhes não pode dar.

Sighele e Tarde assinalam que nas multidões, os espíritos superiores, instruídos, bem educados e videntes, por não serem compreendidos, precisam, ao lhes cortejarem, descer ao nível das paixões veementes, dos violentos e extremistas, que as norteiam, dominam e movem inconscientemente.

A Academia Cearense é a antítese desse servilismo pelo qual se alcança o poder e o mando; em vez de se entregar ao personalismo, que se insula no próprio eu, nesse eu, que Pascal qualificou de *haïssable*, opera como a força irredutível, que agregada às moléculas das matérias cósmicas, produz a afinidade e conjunção de seus membros. Somos para ela o que o átomo é para o todo universal, partículas componentes, fragmentos de uma unidade superior, para a qual devem convergir as nossas atividades singulares.

Mas, senhores, nada de sólido, nada imorredouro, nada digno da posteridade se opera no círculo estreito daquele egoísmo.

A história, as lendas, as tradições nos estão a mostrar que só é grande o que cimenta o altruísmo. Em tôdas as manifestações da atividade humana, no govêrno, nas artes, nas letras, nas ciências, só se perpetua, só transpõe os séculos aquilo que visou o interêsse coletivo, e procurou melhorar as condições precárias do momento pela produção de novas utilidades.

Seria longo e cansativo querer demonstrar esta verdade nas suas múltiplas cintilações através dos anais históricos; seja-me lícito, porém, lembrar-vos, ao menos, a sua comprovação sintética no domínio das letras.

A miríade de versejadores que brotam em todos os tempos e em todos os países, mal desponta a puberdade nas gerações novéis, semelha a êsses cogumelos que na estação chuvosa vegetam por instantes, enquanto a umidade favorece-lhes a eclosão.

Por que de tantos estros que surgem à luz meridiana, desejosos de enriquecer o escrínio poético nacional, raros, mui raros transpõem a própria geração que os viu nascer? Por que tanta flor, apenas desabrochada ao calor das paixões juvenis já pende da haste emurchecida, estiolada, como se lhes desponta a manhã?

Creio, senhores, que a incógnita dessa sação brusca e a secura do ambiente esterilizasse no nascedouro a sua seiva vital? Por que essas rosas de Malherbe tão cedo fenecidas, mal

rápida, deve ser procurada no poetar singular, estreito, acanhado, que se rebolca em estrofes, porventura sonoras, musicais, na evocação de amôres sensuais ou platônicos, na descrição por vêzes miúda das formas feminis ou dos transportes e ansiedades da posse almejada de tais formas.

A lira só desfere, então, a nota material dos desejos sexuais como se a poesia fôra a consagração dos instintos prolificadores da espécie, o eterno carme do "crescei e multiplicai-vos".

Todos nós atravessamos, mais ou menos obsceados, enlevados, essa idade de anseios secretos, de desejos imoderados, ao alvorecer da puberdade.

Os nossos sonhos são então povoados de imagens graciosas, de huris adolescentes, na languidez provocadora de beijos, mas, quando o madrugalar da realidade vem sacudir o torpor do sono e dissipar as visões noturnas, vão-se com elas as pombas aladas das nossas fantasias, deixando o ninho deserto, a se desfazer da penugem macia, batida pelos vendavais dos anos, e o aconchego cálido da ave, que não volta mais.

Não vamos chorar, como os hebreus desterrados, à margem do rio babilônico, as saudades de dias melhores, porque viver é triunfar, e só vence quem sabe aproveitar as próprias fôrças, e transformar em fecundos ensinamentos as desilusões, selados pela experiência.

Mas, em geral, as vocações poéticas patricias acariciam por demais essas ilusões, e esquecidos de sua época, visceralmente prosaica, de atividade intensa e sem tréguas, custam a acertar a trilha por onde devem encaminhar os passos na vida real.

Dai êsse eterno lamentar dos incontentáveis, êsse planger monótono e cediço que nem sequer interessa a sensibilidade, à falta de intensidade, êsse pessimismo precoce da mocidade, a se arrastar languê, quase exausta, apenas se inicia a jornada da vida.

A poesia das grandes nacionalidades apresenta-nos aspecto diverso dêste egoísmo chilro de que venho falando; e os poetas sublimados são os seus vates, os cantores de seus feitos, os profetas de seus destinos.

Vêde Homero nos tempos rudes do helenismo. Ninguém esteriotipou melhor as qualidades e defeitos de uma raça do que êle nos seus heróis, os Aquiles a esbravejarem contra a prepotência do rei dos reis, ninguém mostrou com tanta lucidez o embate do ocidente, encarnado na Grécia, contra o Oriente, enfeudado em Tróia. O poeta não fala de si em uma

só de suas estrofes; é a pátria, a civilização helênica que êle canta.

Virgílio, não menos grande, ressuscita na Eneida as tradições lendárias do povo romano, as vicissitudes de seus heróis, para chegar à glorificação da pátria, tão grande pela força de suas hostes, quão esplendorosa na literatura poética e jurídica.

O cantor de Enéias, mal deixa transparecer a própria personalidade através daquele poema, que é ainda hoje, para nós, para todos, uma fonte de prazeres puros, de comoções estéticas.

Da pátria e da raça alçou-se a poesia aos domínios da metafísica, às alturas da beleza ideal e augusta que só o pensar e sentir anímicos podem contemplar, para descer em seguida às profundezas dos círculos infernais de Dante e remontar-se, alfim, ao *dolce zefiro* no paraíso, na divina epopéia medieva.

Era na quadra em que, ao desmoronar das nações após a avalanche bárbara, começavam os povos a se congregar em núcleos diretores, com a revivescência das letras antigas — início da Renascença.

Os escombros da soberba, grandiosa e avassaladora civilização romana, ainda se não tinham varrido do solo derruído das cidades antigas, lembravam às almas angustiadas e descridas das vaidades mundanas, a pequenez das coisas terrenas, o transitório dos monumentos erguidos para arrostarem o evol-ver dos séculos, no bronze, *aere perennes*, decantados por Horácio. A miséria, a penúria, a falta de segurança, a mesquinhaz da existência, impunham aos espíritos trabalhados do ascetismo cristão, a esperança de um estado melhor, de uma pátria sólida, imutável e eterna.

Dante, S. Tomás e a Escolástica foram os intérpretes dos mais nobres, e supremas aspirações d'alma, nesse bruxulear de escassa luz científica.

A poesia desdenhou a terra por se voltar à introspecção da nossa psicose, porque o exterior era o pecado, sob as formas sedutoras da feminilidade, ou das ambições de guelfos e gibelinos, partidos políticos, que se digladiavam nas cidades italianas e repercutiam no Santo Império Germânico.

Que valia, então, o viver terreno para, alfim, alcançar por prêmio a morte d'alma, a sua eterna condenação de além-túmulo? Dante refugiou a sua imaginação na contemplação divina, depois de ter mostrado os horrores das torturas infernais.

Só o *interior*, só a alma merecia ser decantada. O egoísmo diluía-se no repúdio das paixões e dos gozos sensuais e na glorificação de Beatriz.

Tasso e Camões vieram quando a reconstrução social sentara firme os alicerces do edifício que ainda perdura, sob a forma do Estado moderno.

Tasso desferiu ainda os carmes da fé religiosa, enaltecendo o valor do cristianismo sobre a religião muçulmana, árida, prosaica, despida desse mistério dogmático, em que a razão, quebrantada pela fé, humilhada pela pouquidade de seus surtos, debalde procura o fio de Ariadne que a conduza à saída do labirinto.

Foi um cantor da cristandade inteira, daquela massa miraculosa que, impelida pela crença, deu ao universo o exemplo de uma força espiritual, íntima, sobre-humana a mover os povos em defesa do seu credo religioso.

Em Camões, o altruísmo se humaniza, volta à realidade, e mais do que permitia a força humana, entoa hinos em prol dos "barões assinalados" que foram descobrir novas terras e espalhar pelo universo pagão o símbolo de Nicéia.

É a alma de uma nação que se incorpora no poema imortal, em versos sublimados, levando aos pósteros a iniciativa arrojada, epopéica, dos navegadores lusitanos com a fama dos Pereiras, Nuno Alvares e Vasco da Gama.

Dir-se-ia que Milton herdara de Dante a espiritualidade de seu *Paraíso*, mas entre o puritano do século XVII e o florentino do século XIII, a Renascença havia restituído ao corpo humano a harmonia das formas, a beleza dos contornos, o colorido da carne, a palpitação dos desejos e a restauração de seus foros de nobreza dados pela Hélade e relegados pelo ascetismo às solidões das Tebaidas e às flagelações dos mosteiros. Corregio, Tintureto e Ticiano, essa escola de Veneza, que se afastara um pouco da pintura religiosa, Leonardo da Vinci, Miguel Ângelo e o seráfico Rafael haviam-se já voltado à contemplação da arte jônica, entronizando a matéria ao lado dos baixos relevos da Acrópole, expressão culminante e inexcelsível da beleza ideal.

Milton lembra Ariosto e Tasso. Seu *Éden* é um prolongamento dos jardins de Armida, e das fadas de "Orlando Furioso". Tudo quanto a pintura pode evocar de encantador, de suave e ameno, não delicia os nossos sentidos tanto quanto aquêlo trecho da primeira terra habitada pelo primeiro homem. A brisa da manhã, o perfume das flôres, a carícia de uma tem-

peratura doce, o sorrir de tôda a natureza felicita a alma immaculada de Adão.

Milton soube exprimi-lo em lirismo, porventura sem rival nos cantos 7 e 8 do *Paradise host*.

E o poeta, que sofria as angústias da miséria, não teve uma expressão egoística, pessoal, para levar à posteridade um fragmento sequer do seu eu. Sempre a poesia superior, librada no idealismo religioso. Goethe veio quando a dúvida invadira a religião como o livre exame, e a filosofia como racionalismo kantiano. Sua epopéia é a do pensamento humano, revoltado contra as usuras da própria natureza. O Dr. Fausto pede à Ciência o que ela nunca poderá dar — a mocidade imutável com todos os seus ardores e ilusões. Era-lhe a velhice, não a idade encantadora, louvada tão delicadamente por Cícero, e apregoada por Augier como a verdadeira felicidade terrena, mas uma doença incurável contra a qual só as forças secretas de Mefistófeles sanariam. Do espírito que nega, fêz Goethe o herói do poema mais verdadeiro e humano, que jamais produzira a imaginação criadora.

Quem, no decurso acidentado da existência, logrou manter sempre as crenças mais caras em cômodo quietismo, sem ser importunado pelo enxame de vespas, que o raciocínio incubava e por momento impluma para as espicaçar e injetar no pensamento dúvidas dolorosas e impertinentes ?

O vate alemão foi o psicólogo dêsse estado anímico a que ninguém se subtraiu até hoje.

Em V. Hugo, a imaginação adquire tal potencialidade de facêtas cambiantes, que não sabemos o que mais admirar nela, se a imponência e culminação dos vôos de águia a pairar nos planos ideais da fantasia, se a vibração sonora e cadenciada da estrofe, à semelhança de um órgão monstruoso, dedilhado pela plêiade de musicistas invisíveis.

A *legende des siècles* é o desdobrar filosófico da evolução civilizadora, espécie de história universal, sistematizada, ao molde de Bussuet, com aquêles conceitos grandiosos e incisivos que só a eloquência do orador sublime pudera emprestar.

Tenho me referido aos planêtas superiores da poesia; mas se quisera catalogar os satélites, porventura tão cintilantes quanto os astros centrais, fôra fácil lembrar Ésquilo e Sófocles, Horácio, Catulo e Juvenal, e entre os modernos Shakespeare, Biron, Shelley e Tennysson na Inglaterra, Musset, Lamartine, Sully Proudhon, Leconte de Lisle em França, Schiller, Uhland e Deine na Alemanha, sem falar nos italianos, espanhóis, portugueses, brasileiros, etc.

A verdade é que a poesia se apouca, decai e se anemiza à proporção que desce das alturas da impersonalidade, do altruísmo, para rastejar as minguadas paixões de uma quadra da vida que passa fugaz no seu evoluir, deixando-nos, como tudo que se vai, a doçura da saudade, e a lembrança fragmentada de dias felizes.

Eis, senhores, porque insisto em afirmar que a nossa missão, a da Academia de Letras Cearense, não é revolver os escombros de um passado pessoal para lhe sacudir a poeira do esquecimento e monodiar sôbre amôres amortecidos ou apenas ocultos nas caçoilas dos corações magoados; não! o que nos deve congregiar, reunir e impulsionar é o amor das coisas pátrias, a investigação e procura constante da verdade, a propulsão e o incentivo de nossa atividade, sem os esmorecimentos e desânimos que tanto empecem a produção e trabalho nacional.

Nosso lema será — trabalhar.
Só isto é bom e digno na vida.

JORNADA TRANQUILA

ANDRADE FURTADO

Srs. Acadêmicos:

Temos neste momento — coração alegre e alma cheia de confôrto — a satisfação de encerrar o exercício do atual biênio na Academia Cearense de Letras.

Os dias de grata convivência com os ilustres e prezados pares, na direção desta Casa, foram de íntima comunhão de idéias, numa jornada tranqüila.

Trabalhamos com entusiasmo pelo desenvolvimento do nosso meio intelectual, que não quer desmerecer das consagradas tradições da Terra da Luz.

Nas fileiras dos que aqui laboram, em prol das grandes conquistas do futuro, encontram-se homens de fé, com o ânimo

decidido de não quebrar a continuidade de um ministério brilhante, no campo do Pensamento e da Arte.

As figuras que ocuparam outrora as poltronas dêste Cenáculo permanecem sempre presentes na memória de gerações sucessivas.

Quem poderia deslembrar nomes que projetaram, diante da Nação, o gênio da raça pelo fulgor da inteligência e o prestígio da cultura?!

Qualquer dêles é a afirmação de que, neste solo abençoado, onde a Liberdade primeiro raiou nos horizontes da Pátria, nunca deixou de ser farta e opulenta a sementeira e a lavra do talento, a floração e a messe de generosos sentimentos.

Estilistas e sociólogos, jurisprudentes e historiadores, jornalistas e críticos, poetas e filósofos enriqueceram os tesouros da Sabedoria e levaram longe a fama de uma gente audaz e aventureira, marcada pelo destino de não desmerecer o patrimônio espiritual de tão cavalheiresca parcela da Nacionalidade.

Nesta alvissareira e afortunada tenda de trabalho, encontra-se o núcleo das fôrças atuantes que, no passado, compuseram e difundiram, celebrizaram e enalteceraam as reservas preciosas de um ambiente pobre de recursos materiais e tão rico de expansões do heroísmo, no cenário do nosso mapa geográfico.

No período de administração que ora termina, com a posse auspiciosa da nova diretoria, houve todo empenho na difusão, através da nossa "Revista", pelo Brasil adentro e além-fronteiras, de produções que refletem o alto nível cultural dos escritores, congregados em tórno da mais antiga sociedade brasileira no gênero.

O tomo 28º, referente a 1959, elaborado sob as vistas carinhosas do primoroso artífice da pena, Mário Linhares, teve o mérito de atestar, fora das nossas plagas, a vitalidade da seiva mental nestas paragens ardentes de sol.

Dignificando a data festiva de hoje, na solenidade em que se abre promissor período de atividades benfazejas, circula, agora, o volume 29º correspondente ao ano recém-findo.

Nesse volume, onde bem se percebe a assistência, embora à distância, do exímio poeta de "Contas sem Fio" à vida desta associação, a que presidiu com tanto garbo, está o cumprimento satisfeito do propósito que tivemos de não falhar na divulgação do nosso órgão oficial.

O Magnífico Reitor Antônio Martins Filho, ilustre membro desta corporação, deu-nos decisivo auxílio na edição pela Imprensa Universitária das publicações elegantemente apresentadas a que nos referimos.

*
* *

Cumpre-nos, agora, relemburar o realce das festividades com que a Academia Cearense de Letras comemorou a passagem do Centenário de nascimento de Clóvis Beviláqua.

No decurso do calendário jubilar do excelso jurista, a intelectualidade da nossa terra reuniu-se, neste recinto, para ouvir a palavra do emérito professor Matos Peixoto sobre "José de Alencar e Clóvis Beviláqua".

Naquela sessão brilhantíssima, dissertou em tórno da elaboração do "Código Civil Brasileiro" autêntico mestre do Direito, com autoridade que todos lhe reconhecem e admirável perfeição no manejo da língua.

Os dois grandes compatriotas evocados pelo eminente e prezado consócio, um no Império, outro na República, traçaram projetos da unificação das leis do País, para lustre e ufanía do berço nativo.

Ainda guardamos, trepidante e nítida, a lembrança dessa solenidade augusta que, ao lado das comemorações, na Faculdade de Direito da Universidade do Ceará e no Superior Tribunal de Justiça do Estado, constituiu homenagem da mais elevada significação à memória do maior civilista do nosso tempo, aquêlo que Astolfo de Rezende chamou — "construtor definitivo do Direito Brasileiro" e Martinez Paz — "el premier jurista de su generación e de America".

Ainda no ciclo áureo dêsses festejos memoráveis, tivemos

a conferência de Mário Linhares sôbre a personalidade do seu insigne patrono.

A êle tributou, com florões poéticos do seu estilo lapidar, numa sessão magna, digna das galas do nosso Silogeu, o preito de gratidão dos escritores cearenses ao ínclito homenageado.

O nome de Clóvis Beviláqua, de fato, foi merecidamente enaltecido e pôsto em máxima evidência no cenário nacional, como inofuscável nume tutelar das Letras e da Juriscultura em nossa Pátria.

Cumprimos, assim, o dever de destacar a figura de um varão que, em todos os tempos, representará o paradigma de um sábio e o modelo de um homem justo.

*
* *

Foi comemorado, igualmente, com a mais terna efusão de sentimentos, a passagem dos 70 anos de Gustavo Barroso.

A cerimônia teve um tom de particular afetividade. Como que predizia uma despedida dos companheiros de tertúlia, na glorificação da gleba comum.

Em verdade, o autor de "Terra de Sol" deu o exemplo de filho abnegado num extremo de predileção pelo Ceará, que nunca há de esquecer quanto deve ao consumado panegirista dos nossos feitos imortais.

Falou naquele dia inolvidável, Raimundo Girão, com o bom gôsto de literato e a proficiência de historiador da nossa geografia estética, das nossas expansões sociais e do nosso espírito de audaciosa confiança nos triunfos do Porvir.

Gustavo Barroso, cuja saudade jamais morrerá em nossos corações, foi, sem dúvida alguma, um condestável no campo de combate pela defesa da hegemonia da raça, vanguardeira das épicas campanhas da Civilização Cristã e da Liberdade Democrática.

*
* *

Tivemos, no período que agora terminou, a satisfação de receber, neste augusto grêmio, a consócia Cândida Maria San-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

tiago Galeno. Saudou-a, em nome da Academia, Otávio Lôbo, ressaltando o brilho e a graça, a distinção e a elegância da escritora que veio trazer ao seio da comunidade o prestígio da sua colaboração e a boa vontade da sua gentileza. O seu discurso foi uma nota de esperança na luta em prol das vitórias do Porvir.

*

* *

A nossa sociedade foi agraciada com a distinção da Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Academia Mineira de Letras, onde esplendem fulgurações das mais rútilas na comunidade cultural brasileira.

Coube-nos ainda a lisonjeira oportunidade de receber a Comenda em honra de Clóvis Beviláqua, conferida na passagem do seu Centenário pelo Govêrno da República.

Como evidência do progresso literário, entre nós, registamos a distribuição, em breve, dos Prêmios Pedro Filomeno, o que significa ato de boa vontade, digno de justa e elogiosa menção.

Nas animadas reuniões mensais, foram tratados assuntos relevantes, demonstrativos do espírito de renascimento que mantém acesa a flama do ideal e do amor às coisas relacionadas com o mundo das idéias.

*

* *

São os nossos melhores augúrios para os bem fadados e esperançosos dias da fase que hoje se abre na cronologia da vida acadêmica desta nobre associação, — uma vigorosa caminhada de glória para constante exaltação e maior fulgor desta abençoada parcela da comunhão brasileira.

Sob o comando de Renato de Almeida Braga, a quem elegemos, numa hora feliz, para timoneiro da Galera das Letras nestes arrojados mares de audazes jangadeiros e tradições heróicas, temos a convicção serena de uma travessia vitoriosa.

As nossas almas estão palpitantes de júbilo ao assumir os seus postos a nova diretoria, escolhida segundo o critério de sincero devotamento à maior grandeza da Terra que Deus nos deu !

OLIVEIRA PAIVA (*)

J. PAIVA

Na data centenária do nascimento de *Manoel de Oliveira Paiva* — 2 de julho de 1961 — duas pessoas da Família, que representam a primitiva conjugação de dois tipos de sangue que se encontram, em Fortaleza, no meado do século 19º — a de *Castro Paiva*, que vinha de ilustre tronco do Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, com uma saída, natural e constante, de emigração para o Ceará, através dos sertões de Inhamuns, tendo como centro de convergência a Fazenda Tamatanduba; e de um português, natural da Ilha de S. Miguel (Arquipélago dos Açores), *João Francisco de Oliveira, Marceneiro, Agrimensor, Músico, Fotógrafo e Entalhador*, sendo, porém, profissional apenas como Marceneiro e Agrimensor; enquanto às Belas Artes um Amador. *Antônio Bezerra de Menezes* refere-se a êle, como Entalhador na “*Descrição da Cidade de Fortaleza*”, publicada na “*Revista do Instituto do Ceará*”, 3º e 4º trimestres de 1895; e lemos no Capítulo XXVI, páginas 191 e 192, do romance “*Luzia Homem*” (4ª Edição “*Melhoramentos*” — S. Paulo), de *Domingos Olímpio*, ao descrever êste o interior da Matriz, em Sobral, os seguintes períodos: “No fundo resplendia a capela-mor, o *tabernáculo, esculpido pelo cinzel do mestre João Francisco, o entalhador, com*

(*) Palavras de agradecimento, na homenagem da Academia Cearense de Letras a Manoel de Oliveira Paiva, constante de uma Conferência do acadêmico Joaquim Braga Montenegro, à noite de 18 de julho de 1961, lida, em nome do autor, pelo seu filho Carlos Roberto Bezerra de Paiva.

duas séries de elegantes colunas coríntias, enleadas de parreira, a vinha do Senhor, e rematadas de fôlha de acanto, tôdas brancas, de figos dourados e sustendo a arquitrave e a curva do arco que emoldura a grande tela de Bindsay, a *Assunção de Nossa Senhora*".

Ambos êsses sobreviventes são *Luísa de Oliveira Paiva*, anciã de 91 anos, sua última irmã, mais moça que o romancista 9 anos, e entre cujos filhos quero destacar, num total de nove, os *Doutores Flávio e Arâmis de Oliveira Paiva*, respectivamente Médicos em Salvador (Bahia) e Canindé (Ceará); e *José Joaquim de Oliveira Paiva (J. Paiva)*, filho de outra das irmãs do escritor centenário, *Rosa de Oliveira Paiva*, falecida em 1951. Em 1952, quando da publicação, em São Paulo, do romance "*Dona Guidinha do Poço*", que fêz como que ressurgir o nome, e quase que descobrir agora os dias de hoje, de amanhã e de sempre, o talento, a espontaneidade e o estilo do autor, após 60 anos de sua morte prematura, aureolada com uma moléstia martirizante e uma santa conformidade, *Dona Alice Sales*, viúva do laureado escritor *Antônio Sales*, por um elevado e sentido dever de veneração à memória do ilustre espôso, que durante mais de meio século privara da amizade de *Manoel de Oliveira Paiva*, e autorizada pela *Editôra Sarai-va* que, aliás, não estava na obrigação de considerar caso jurídico de direitos autorais a propriedade de uma obra que caíra no domínio público, apesar de quase totalmente desconhecida, o que, com certeza, permaneceria não fôsse o encontro entre *Dona Lúcia Miguel Pereira* e *Américo Facó*, fêz pessoalmente entrega em Fortaleza, aos dois mais categorizados remanescentes da família, de uma pequena indenização de igual valor que, se o foi como expressão financeira, muito se elevou no sentimento dos dois mais antigos membros de uma larga posteridade nêles simbolizada.

Referi-me a dois dos filhos de *Luísa de Oliveira Paiva*, e, portanto, permitam-me, no caráter do outro mais antigo representante da família de *Manoel de Oliveira Paiva*, mencionar o nome de um neto de *Rosa de Oliveira Paiva*, minha mãe, meu filho *José Maria Bezerra de Paiva* (B. de Paiva),

Diretor do *Curso de Arte Dramática da Universidade do Ceará*. Referindo-me a êste meu filho, devo e me honra dizer que, além de sobrinho-neto de *Manoel de Oliveira Paiva*, desce, por outro lado, do laureado escritor e abolicionista *Antônio Bezerra de Menezes*, irmão do herói da guerra do Paraguai, *Israel Bezerra de Menezes*, e do meu sogro *João Batista Bezerra*, sendo, portanto, *B. de Paiva*, sobrinho-neto de *Antônio Bezerra de Menezes*. Êste era mais jovem que *Manoel de Oliveira Paiva* vinte anos, tendo nascido êste em 1841 e aquê em 1861. *Antônio Bezerra de Menezes* considerava meu tio *Manoel de Oliveira Paiva*, seu mestre antes que companheiro de Letras e Lutas, pondo ambos, participantes, que foram, de uma inteligente e decidida Cruzada, seus peregrinos talentos ao serviço dos ideais humanitários, patrióticos e cívicos, que começaram com a *Abolição* e terminaram com a *República*. *Antônio Bezerra de Menezes* narra que, apenas tendo de idade 20 anos, ouvia e sentia todos os altos ideais que a morte, aos 31 anos, interceptou ao meu tio em 1892.

Em biografia incompleta que publiquei, em "*O Nordeste*", no ano de 1952, e que, com acréscimos, pretendo transformar em livro com fotografias e outras ilustrações, procurei focalizar o verdadeiro, o legítimo, o integral *Manoel de Oliveira Paiva*, na exata personalidade que encontrei, como uma tradição, quase ao vivo, e da qual nem mesmo uma fotografia, por si só, jamais prescinde, no íntimo de nossa família, cujos membros mais velhos e respeitáveis, autênticas testemunhas domésticas, como que ainda dialogavam com êle...

Dos 31 anos que viveu, vemos que, de 1861, data do seu nascimento, até o início de 1875, residia no lar paterno, onde imperavam, *forter et guariter, as crenças e os costumes católicos*, porventura impregnados de uma maior e mais profunda contribuição, a de *Portugal*, que circulava, bem quente, no sangue de *mestre João Francisco de Oliveira*, como se disse acima, um legítimo português açoriano — Artífice de Capelas, Altares, Tribunas e Grades de Comunhão, em Fortaleza, Canindé e Sobral, o que vimos, mais alto, em *Antônio Bezerra de Menezes* e *Domingos Olímpio Braga Cavalcanti*, muito nos ale-

graria os anos de velhice se pudéssemos fazer a respeito, pesquisas individuais. O celebrado historiador e jornalista *João Brígido dos Santos*, que viveu, ainda moço, na época do pai de *Manoel de Oliveira Paiva*, informava que *Mestre João o era de todo ofício*. Morreu em 1871, quando voltava de Maranhape, após a medição de uma terra, em consequência de uma pneumonia; e temos conosco um *Cristo Morto*, esculpido em madeira, a golpes de canivete, nas noites de labor, por amor a uma *arte superior*, as quais renovavam os dias de uma *arte mais comum*, com a qual mantinha a família.

A vocação de *Manoel de Oliveira Paiva*, assim estimulada por fôrça do exemplo paterno, fôra o *sacerdócio*, da qual vemos alguns tons em cenas do romance "*Dona Guidinha do Poço*", e, mais ainda, em "*A Afilhada*", outro dos seus romances que, publicado em rodapé de "*O Libertador*", no ano de 1889, saiu do pó sagrado dos arquivos que, freqüentemente, conserva e destrói em parte, com o correr dos anos, as obras humanas que nêles espiritualmente não cabem tantas vêzes, graças ao talento de escol, à paciência beneditina e ao esforço incansável de *Dona Maria da Conceição Sousa*, ligada que está à *Cultura Cearense* por seu amor e dedicação aos *Livros* no que êles são duplamente, hoje consagrada, de um modo justo e honroso, com o elevado cargo de *Diretora da Biblioteca Central da Universidade do Ceará*.

Tal vocação já se manifestara, *no setor feminino das Religiosas com três de suas irmãs*, minhas queridas tias que não pude conhecer pessoalmente, porquanto se foram do Ceará nos derradeiros anos da década de 1870 a 1880 e que se fizeram *Irmãs de Caridade* com postulado no *Colégio da Imaculada Conceição, de Fortaleza*. Seria o irmão romancista que havia de introduzir, em "*A Afilhada, uma Filha de S. Vicente de Paulo*, que deve ter sido a *Irmã Margarida Bazet*, a 1ª *Superiora* do notável estabelecimento fundado em 1865; e o *Padre Reitor*, que certamente era o *Padre Pedro Augusto Chevalier*, "*Mon Père*", a quem *Dom Luís Antônio dos Santos*, 1º *Bispo do Ceará*, entregara a direção do *Seminário Episcopal de Fortaleza* em 1864. Posso até mesmo identificar o *Sacerdote* que

aparece lendo seu Breviário, andando de uma ponta à outra daquela *calçada da Prainha* que tantos anos palmilhei, o qual confessara a *Afilhada*, como o *Padre Bertrand Prat*, exímio Diretor de Almas, Professor de várias disciplinas e excelente Músico, de quem ainda conservo um retrato, em *bassepartout* dourado, e a quem minhas avós se confessavam na *Prainha* de outros tempos. As negras escravas lembram-me minha querida madrinha de apresentação, e de minha saudosa irmã *Maria Carmelita* — a gorda e esperta *Paula*, separada do irmão *Anselmo*, que minha avó materna, *Maria Isabel de Paiva Oliveira*, mãe do romancista, vendera por oitocentos mil réis, para, assim, poder adquirir uma tósca residência dentro duma quadra de terreno foreiro ao Barão de Ibiapaba, no *Outeiro do Colégio*, para diferenciar do *Outeiro da Prainha*, e conhecida pelo popular nome de *Casa Velha*. As imagens que a Senhora mostra ao pessoal da Família, inclusive os escravos, *Manoel de Oliveira Paiva* fôra buscar ao alto, largo e imponente oratório da nossa Família, já desaparecido, e que, expostas ao suave e íntimo culto do lar em duas ou mais gerações, vindas do Rio Grande do Norte ou do Portugal insular, tenciono ainda vir a mandar restaurar. Não foi, no íntimo da alma do meu tio romancista, tão irmã de tôdas as nossas almas daquele ninho desfeito, certo diálogo brejeiro, irreverente, no intrínseco sentido religioso, a observação dos objetos sagrados, com extensão às cerimônias e procissão da *Semana Santa*, e aos sentimentos despertados pelo ambiente do augusto templo, que era a Sé, e pelas impressões da *Ação Litúrgica* nas jovens que estudavam ao *Colégio da Imaculada Conceição* e estavam inscritas na *Associação das Filhas de Maria Imaculada*. Ali, no parlatório do Colégio, mesmo no pátio, daqueles decênios compreendidos entre uma parte do último quarto do século passado, contavam-nos os nossos que se iriam *Dom Luís Antônio dos Santos*, o *Barão de Aratanha*, o *Padre Pedro Chevalier*, a *Irmã Bazet*, incluindo-se também o velho *factotum* *Cândido José Pacheco*, o *Candinho da Sé*, talvez com a espôsa, *Dona Quininha*, ao lado!

Vemos nosso tio *Manoel* (*Mané*) matricular-se entre os 41

primeiros alunos do *Seminário Episcopal do Crato*, em 1875. Um incidente entre colegas torna-o insubmisso à rígida disciplina do estabelecimento por dever de lealdade e gesto altivo de Família, sendo logo afastado, isso em 1876, pelo *Padre Reitor Vicente Lourenço Enrile*, que, sendo de nacionalidade italiana, viera da França com o inolvidável *Padre Pedro — Augusto Chevalier*, em 1864, e a quem a moléstia mataria no mesmo ano de 1876. No virtuoso e ativo *Lazarista* os azares davam um tom mais grave e severo à disciplina do Seminário e à própria austeridade pessoal. *Manoel de Oliveira Paiva* tornara-se *um revoltado*; e ao chegar, de volta, a Fortaleza, certamente andou freqüentando os meios e as leituras que quase apenas ficaram perpetuados no volume "*Crítica e Literatura*", com os trabalhos de *Cultura de Rocha Lima*, publicados em 1878, no Maranhão, com prefácio de *João Capistrano de Abreu*. Minha avó, sua mãe, pacientava com o filho insubmisso, aconselhando-se com os *Padres Lazaristas*. Sua conformidade cristã foi para ela um divino analgésico. . .

Isso por pouco tempo, porquanto, em fins de 1877, assenta praça no *Exército*, recomendado por nosso tio *Cel. Antônio Pereira de Brito Paiva*, seguindo, em princípios de 1878, para o *Rio de Janeiro*, em cuja *Escola Militar* se matricula. Atacado, porém, de pneumonia, em 1881, vem ao *Ceará*, sob cujo clima se restabelece em parte, retornando à *Côrte*. Mas, eis que os estudos, as lides literárias e de propaganda dos novos ideais de liberdade, e a própria boêmia, fazem-no voltar a um estado de saúde ainda mais periclitante que o anterior. Dá baixa quando vai entrar no *Curso de Engenharia*, e regressa ao *Ceará* em 1883, não, porém, revoltado como ao sair da reclusão do *Seminário do Crato*, em 1876, mas candidato, de um certo modo, marcado para uma próxima evasão da vida.

Se o *Seminário* fôra, para *Manoel de Oliveira Paiva*, uma experiência de vocação que falhou, e a *Escola Militar* uma tentativa para esquecer o *Templo* com ingresso no *Quartel*, e trocar a *Batina* pela *Farda*, agora, como que por *uma sina fatal*, afogava-se, cada vez mais, dentro de si mesmo, iludindo o *duplo sonho de Soldado da Igreja e da Pátria* — um imenso e me-

lancólico pesadelo. Entrando, pois, de cheio, na *Campanha Abolicionista*, falava, com crises hemópticas, no fim de cada lance mais violento da *Cruzada*; e escrevia, dia e noite, em prosa e verso, não se poupando na extensão mais perfeita de atividades quase automáticas. Seus artigos de crônica, seus poemas, seus sonetos, seus contos e seus romances, dos quais conhecemos "*Dona Guidinha do Poço*" e "*A Afilhada*", êste ainda por editar-se em livro, são frutos de quase todos os nove anos que ainda viveria em Fortaleza, de 1883 a 1892, quando faleceu aos 29 de setembro.

Não devo omitir os seus derradeiros dias. Mudando-se, logo após o casamento, em 1891, para uma casinha meia-água da atual Avenida Santos Dumont, entre as antigas ruas da Conceição e São Luís, hoje Avenida D. Manoel e Rua Rodrigues Júnior, o *Padre Pedro Augusto Chevalier*, 1º Reitor do *Seminário de Fortaleza*, e a *Irmã Clemência Teresa Gagné*, 2ª Superiora do *Colégio da Imaculada Conceição*, vieram ao encontro do querido *Manezinho* que, assim como o irmão *Joãozinho*, meu tio *João de Oliveira Paiva* — o *Marco Agrata da Padaria Espiritual*, anos atrás, nos de 1880, armavam, no venerando estabelecimento de ensino, entregue pelo 1º Bispo do Ceará, em 1865, às Filhas de S. Vicente de Paulo — grutas de Lourdes, altares improvisados e palcos para os dramas nas magnas datas.

Do casamento com sua sobrinha *Teresa Botelho* nascera-lhe uma filha — *Jacinta* — que deixou, pela morte, por dez meses de idade, e que, anos após, ingressaria na *Congregação das Irmãs Terceiras Capuchinhas Regulares*, na qual dirigiu, durante vários anos, Colégios, Hospitais e outras Casas entregues a esta benemérita Comunidade, tendo falecido há já alguns anos, com demonstrações de peregrinas virtudes, como que para completar o que faltou na vida do seu pai, cuja memória ela venerava com grande ardor.

Nos últimos meses de sua vida, afastado pouco a pouco, da vida social e intelectual, também da vida burocrática do Estado, onde ocupara importantes funções, já não mais era o animador de quermesses, de piqueniques e de tertúlias, repen-

tista humorístico que seu tio, *José Joaquim de Paiva*, meu pai, que trabalhava com êle na Recebedoria, uma dependência do Tesouro, adivinhava estar quem sente apenas pelo ruído de vozes que *Manoel de Oliveira Paiva* provocava com seus ditos, entrecortados dos risos de todos. A vida lhe havia sido, tôda ela, cheia de grandes e nobres ideais, sufocados e traumatizados pelos sofrimentos e pelas decepções, sem, contudo, jamais ter perdido a *Fé em Deus* e o *respeito à Igreja*, cujas luzes e graças se refletiram sôbre o *Lar* e a *Escola* de sua Infância, influxos que, quando criança, fomos sentindo, por nossa vez. Êle tornou-se um menino nos derradeiros dias, tendo, além da *resignação do adulto*, ainda com 31 anos, a *obediência e docilidade de um ente que depende do convívio da Família*. Contava minha mãe, sua irmã, que, após as visitas do *Padre Chevalier*, o "*Mon Père*" de sua infância, a *Irmã Gagné* dizia a nossa Família: "*O Manèzinho morre como um santo*". E foi assim que êle entregou sua alma privilegiada a Deus. Êste foi o verdadeiro *Manoel de Oliveira Paiva*.

Em nome dêsses que tem no sangue a glória de *Manoel de Oliveira Paiva*, primeiramente em nome de minha tia e madrinha *Luísa de Oliveira Paiva*, agradeço esta expressiva homenagem que acaba de ser prestada pela *Academia Cearense de Letras*, em colaboração com a *Universidade do Ceará*, o *Governo do Estado*, o *Instituto do Ceará*, a *Associação Cearense de Escritores* e a *Casa Juvenal Galeno*, ao escritor que tombou, aos 31 anos, já hoje quase 70 anos, sem que tivesse podido construir, como quisera e merecia, uma vasta obra literária que apenas esboçou, e que, na continuidade de expansão do seu gênio e da *Escola* que pretendia criar ou reconstituir, levaria avante, unindo entre si a *História*, o *Romance*, a *Poesia* e o *Teatro*, como se fôra *uma soberba orquestra sinfônica do Ceará e de todo o Nordeste*, com os riquíssimos e inesgotáveis materiais da *nossa Terra e da nossa Gente*.

(As palavras acima transcritas, que o autor retoca e completa, foram pronunciadas por um dos filhos de J. Paiva — Carlos Alberto Bezerra de Paiva — em nome de seu Pai, após a magistral conferência do escritor Joaquim Braga Montenegro, sócio da Academia Cearense de Letras)